

Maria Lúcia Lepecki
dala-nos de «Filipa»
último romance
de Tavares Rodrigues
na página 8

Magib Mahfus
é entrevistado
sobre o caso Rushdie
na página 11

CADERNO 2

DOMINGO

Um comentário
sobre o imaginário
de Vergílio Ferreira
em «Até ao Fim»
na página 12

As figuras
de Pina Manique
e Angelina Vidal
nas páginas 15 e 16

Alçada Baptista publica «Tia Suzana, Meu Amor»

O nome de António Alçada Baptista está aí de novo nas livrarias, através do seu segundo romance: *Tia Susana, Meu Amor*. Nele o autor renova o seu confesso gosto pela paisagem humana.

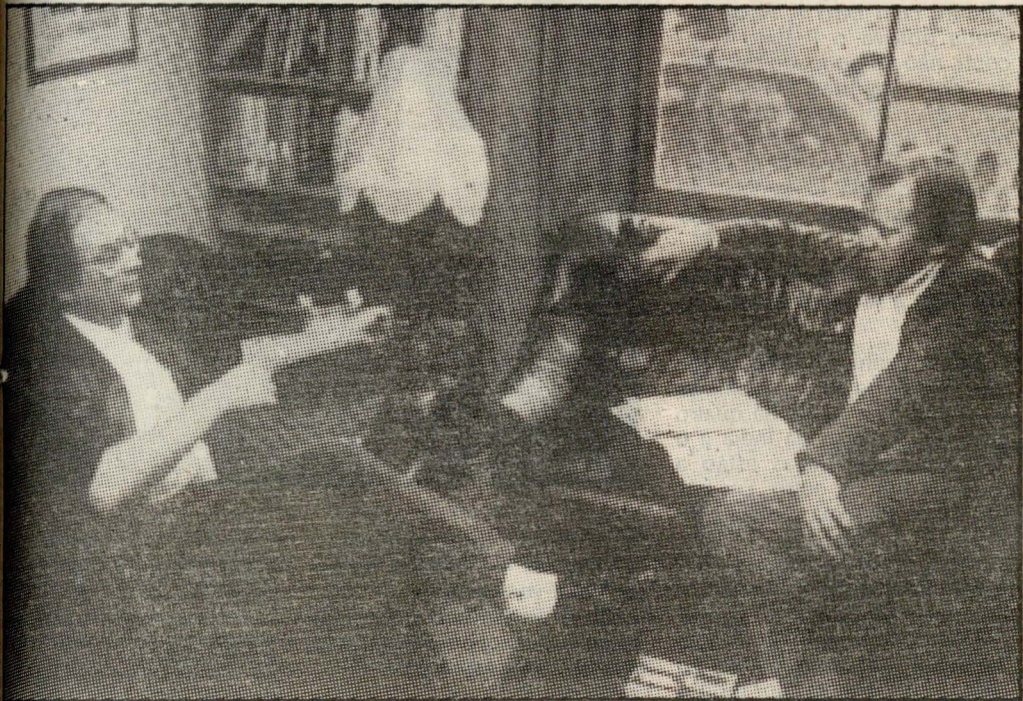
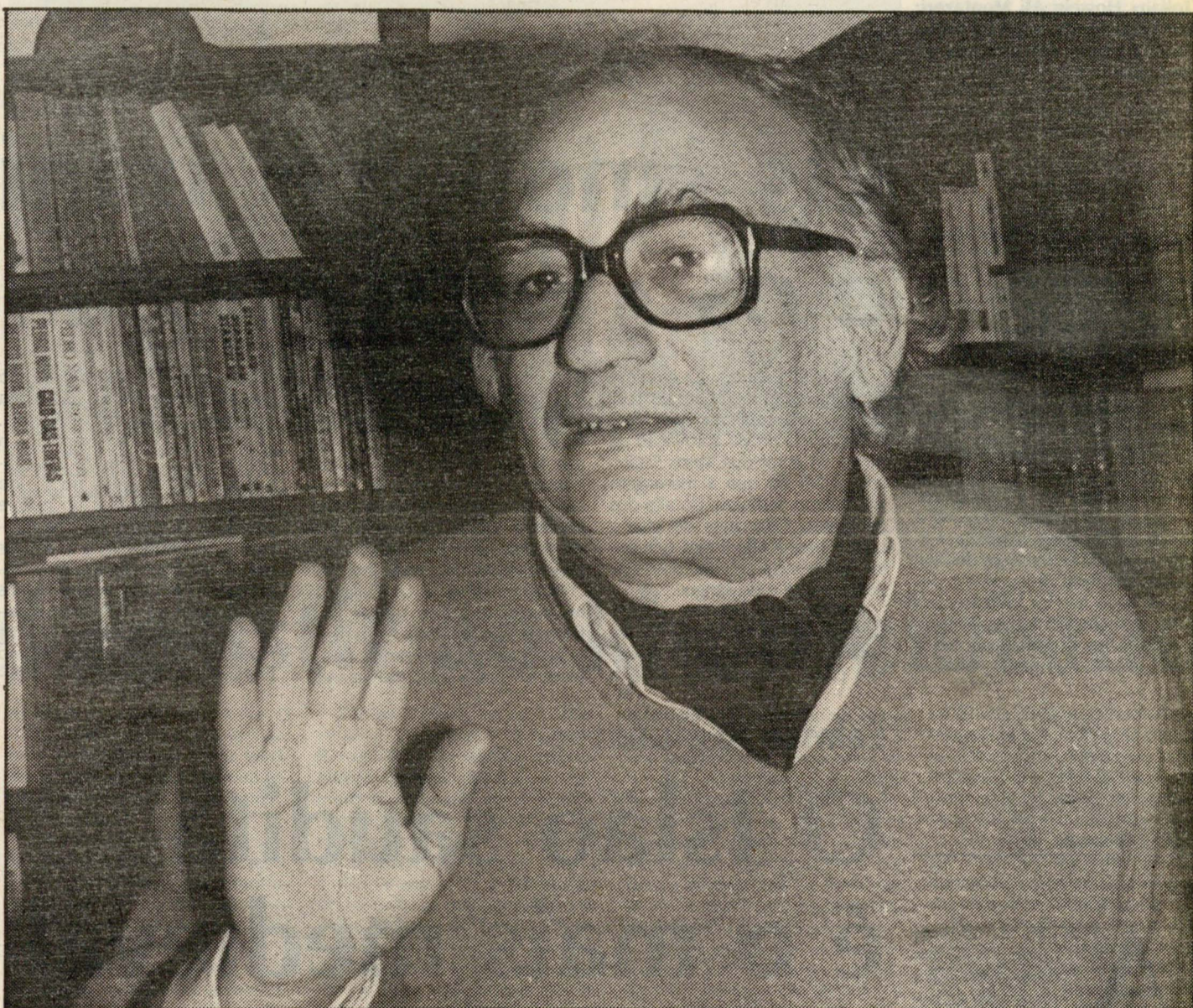
Depois do longo fôlego da *Peregrinação Interior*, em dois volumes, do primeiro romance *Os Nós e os Laços*, e, ainda, da novela *Catarina ou o sabor da Maçã*, Alçada Baptista acredita agora que é possível escrever livros pequenos sem má consciência. *Tia Susana* é um desses casos e o autor afirma que o escreveu «de boa consciência», tendo ficado satisfeito com a sua estrutura.

Ao longo da entrevista que nos concedeu, António Alçada Baptista explica que esta nova personagem tem a ver com a situação de certas solidões que conheceu na sua infância e que o impressionaram: «A Tia Susana é uma pessoa que não tinha nada a ver com aquilo que a rodeava, nomeadamente com o marido. Isto não era um caso isolado, era a própria estrutura social.»

Por outro lado, Alçada Baptista preocupou-se em tratar neste romance o que ele chama a «aristocracia do comportamento», representada pela tia Susana, e que é

importante tentar salvar neste momento. «Quer dizer, não sendo uma aristocrata de sangue, era uma aristocrata de comportamento. E é preciso fazer muito essa distinção: há camponeses que são aristocratas de comportamento e há aristocratas completamente ordinários.»

E acrescenta: «Um dos grandes problemas que se põem hoje é que a nova classe política, técnica e económica está cheia de poderes, tem uma capacidade de intervenção na sociedade e na nossa vida que não existia antes, mas não tem suporte ético e estético para esse poder. Está a aparecer um novo tipo de homem, e por isso uma nova estrutura social. Essa estrutura apaga as diferenças antigas, quer dizer, hoje já não se pode encontrar o senhor da terra, o cavaleiro, o clérigo, o letrado, o camponês — tudo isso está a desaparecer, porque a técnica é o maior nivelador de classes, até agora, e esse homem nivelado terá com certeza uma nova metafísica, de que ainda não está consciente.» Enfim, como sempre, um autor preocupado com o nosso futuro e que acredita que «o escritor formula as inquietações que as pessoas sentem e não sabem como exprimir».



Salman Rushdie (à esquerda na foto) em sua casa concedendo a entrevista ao jornalista de «L'Express», Elie Marcuse

Salman Rushdie acusa sauditas

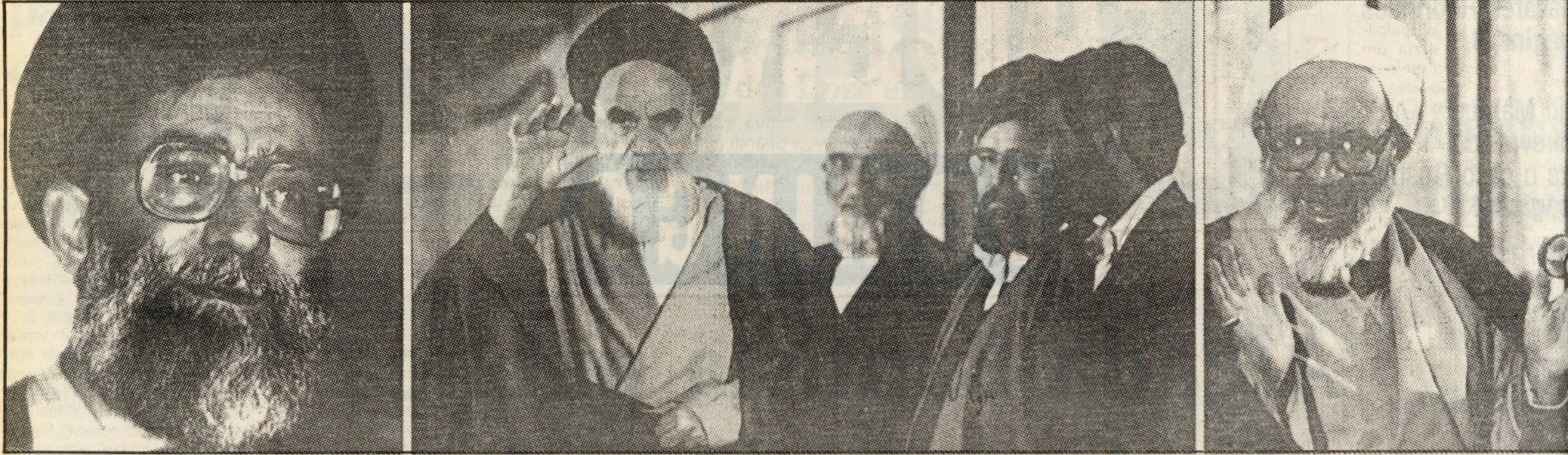
NÃO tendo conseguido eliminar o controverso livro os *Versos Satânicos*, o Islão integrista quer liquidar o seu autor: Salman Rushdie. Mas nesta «guerra santa» contra Salman Rushdie, o facto mais interessante a registar parece ser a monopolização tardia da contestação pelo regime iraniano contra o livro. É que os muçulmanos fundamentalistas do subcontinente indo-paquistânês já se vinham manifestando contra os *Versos Satânicos*

desde Outubro passado quando aquele livro foi publicado. Rajiv Ghandi proibiu-o na Índia em 5 de Outubro, logo seguido pela Arábia Saudita, o Egipto e os países árabes do Norte de África.

Khomeini lançou a sua *fatwa* apenas a 8 de Fevereiro. Porquê? Muito simplesmente porque pretendia, ao chefiar o movimento de protesto vindo do Islão sunita — seita maioritária no mundo muçulmano —, recuperá-lo não só para fins internos mas sobretudo para ultrapassar a derrota temporal da revolu-

ção iraniana na guerra contra o Iraque. É a política do reagrupamento de forças na antevisão de um (novo) combate, como se depreende de três artigos e duas entrevistas que integram o Documento de hoje.

De entre estes cinco escritos, a entrevista com Salman Rushdie constitui uma verdadeira revelação, porquanto aquele autor inglês de origem indiana afirma que por detrás do começo da ofensiva contra os *Versos Satânicos* está, essencialmente, o dinheiro saudita.



O presidente da República, Ali Khamenei. Ao centro, o imã Khomeini e o seu filho Ahmad (de turbante). À direita o «ayattollah» Hossein Ali Montazeri: «A longa flecha negra foi disparada e segue em direção ao seu alvo».

Os «mollahs» iranianos e os «Versos Satânicos»

Christian Hoche e Safa Haeri

KHOMEINI ao atacar os *Versos Satânicos* tenta fazer fracassar as tentativas de abertura ao Ocidente.

E a neutralizar os seus apoiantes.

Montante do prémio: 3 milhões de dólares. Somente 1 milhão se o assassino não for iraniano. Em nome de uma dialética sumária e duma sinistra *fatwa* (consulta religiosa) eis que os fanáticos do *ayattollah* Khomeini perseguem o desafortunado escritor britânico Salman Rushdie. Por algumas centenas de frases iconoclastas sobre o Islão, encaixadas numa obra de

quase 600 páginas. Que crime abominável! O inquisidor de Teerão teve de confirmar, por duas vezes, a sua prévia aprovação da morte do autor dos *Versos Satânicos*, a fim de que a mensagem «redentora» ressoasse do alto dos minaretes. Oito anos de guerra com o Iraque não foram suficientes para pôr fim ao culto desmedido da morte e do sangue.

Minado por contínuos sobresaltos, esgotado pelas querelas internas e consumido por intermináveis casos antiocidentais, todo o

Irão continua, no entanto, subjulgado pelos desafios do velho obstinado. Será Rushdie «um corrupto sobre a Terra»? É então proposto aos loucos de Deus um odioso contrato. Que importa se o país vier a ficar isolado pela comunidade internacional. A consulta está de acordo com os ensinamentos do profeta Maomé e do imã Ali.

Mas aposta-se se o «Guia» da revolução terá lido sequer uma linha da obra satânica. Além disso, já faz mais de cinco meses que o livro foi publicado, provocando

autos-de-fé e motins na Índia, no Paquistão, sem que no Irão tenha sido feita qualquer referência. Quem terá portanto «soprado» a Khomeini este funesto chamado? Na penumbra do fim do reinado, os dignitários do regime preparam já a sucessão. Multiplicam-se as armadilhas e as intrigas palacianas. Seis meses após o cessar-fogo, enfrentam-se pelo menos duas tendências. Dum lado, aqueles que a Europa classifica de pragmatismos — não é verdade Roland Dumas? — chefiados pelo presi-

dente do Parlamento, Ali Akbar Hachemi Rafsanjani, e o ministro dos Negócios Estrangeiros, Ali Akbar Velayati. Conscientes de que a reconstrução do país, após a guerra (calculada em 100 biliões de dólares) exige a abertura ao Ocidente, pediram socorro às multinacionais que haviam sido expulsas em 1970. Esta corrente apoia-se pelo clero moderado opõe-se hoje ao núcleo duro dos «radicais» reagrupados num «minigabinete de crise». Compõe-se do filho do imã, Ahmad: o chefe do

gabinete de Khomeini, o *ayattollah* Tavassoli; o procurador dos negócios revolucionários, Mohammad Moussavi Khomeini; o ministro da Informação, Mohammad Mojtahedi Reyschahi. E sobretudo o nipotente ministro do Interior, Hojatolislam Ali Akbar Mojtahedi, antigo embaixador em Moscovo, um dos fundadores do Hezbollah libanês. Favorável à estatização da economia e à sequestração da linha revolucionária «nem Oriente nem Ocidente».

(Continua na pág. seguinte)

Salman Rushdie:

O Islão saudita é o mais medieval

Elie Marcuse

ANTES de entrar numa quase-clandestinidade sob a protecção da polícia, Salman Rushdie deu ao *L'Express* uma entrevista exclusiva.

L'Express — Assim, para os «mollahs» você é o diabo que é preciso abater...

Salman Rushdie — Falemos a sério. É preciso ser-se completamente paranóico para imaginar, que em pleno século XX, uma religião tão antiga como o Islão possa ser ameaçada por um livro. É claro que tomo as minhas precauções. Mas não me sinto ameaçado pelos muçulmanos da Grã-Bretanha. Não. Recebo montes de cartas de leitores apoiando-me. Não existe apenas o Islão dos *mollahs*. Os intelectuais muçulmanos encorajam-me. Por exemplo, Nouredine Farah, da Somália, Abdul Razak Gurnah da Tanzânia.

L'Express — Mas por causa do seu livro, matam-se uns aos outros?

SR — Já esperava protestos. Mas não a um tal desenvolvimento de violências. É aterrador descobrir que um livro pode ser um pretexto para matar. E a mandar matar. Na realidade, o meu livro tornou-se um meio

de cada um explora como bem entende: para relançar o antiamericanismo, testar os europeus (irão eles ou não publicar os *Versos Satânicos*) e sobretudo mobilizar de novo os fundamentalistas. Como no Paquistão onde eles perderam quase todos os lugares nas eleições ganhas por Benazir Bhutto.

L'Express — Porquê esta explosão do integrismo?

SR — É a consequência do desafio que constitui o modernismo do Ocidente, tecnológico, intelectual e espiritual. Quer um exemplo? Na Grã-Bretanha, os *mollahs* vêm directamente do Paquistão porque assim está garantida a pureza da fé. Eles não falam uma palavra de inglês, tal como o imã de Bradford que presidiu aos auto-de-fé do meu livro.

«Aqui a influência de Teerão é marginal»

L'Express — Quem financiou na Inglaterra a ofensiva contra o seu livro?

SR — Essencialmente o dinheiro saudita. Aqui a influência

de Teerão é marginal, dado que a maioria dos dois milhões de muçulmanos britânicos é sunita. Em todo o caso, é o Islão *wahabita* (¹), da Arábia Saudita, o mais medieval, o mais atrasado, o que pagou a construção da grande mesquita de Regent's Park, em Londres, de onde partiu a manifestação de dez mil pessoas que gritaram contra o meu livro. E onde se condena sistematicamente os intelectuais muçulmanos contemporâneos!

L'Express — Por exemplo?

SR — Naguib Mahfouz, Prémio Nobel de Literatura de 1988, o maior escritor egípcio. O seu livro *Awled Haratina* (*As Crianças do Nosso Bairro*) foi proibido pelos imãs desde há 30 anos, sob pretexto que ele coloca a questão sacrílega: será que Deus está morto? Os autores malditos não faltam. Mulheres como Fadia Faquir, da Jordânia, e Hana Al Sheikh, do Egipto, foram forçadas a exilar-se na Grã-Bretanha porque ousaram denunciar a condição feminina no Islão, dominado pelos homens. Ou ainda a maior parte dos poetas paquistaneses,

como Babid Jahib, também ele refugiado na Inglaterra. Repare, mesmo em França, Tahar Ben Jelloun, cujo livro *A Noite Sagrada* obteve o Prémio Goncourt, não foi poupado pela crítica dos integristas. Desde que um intelectual muçulmano ponha em questão a primazia da religião, as certezas da fé, e defenda a dúvida existencial do homem moderno, torna-se no seu alvo!

L'Express — Todavia, você não nega a sua dependência ao Islão?

SR — Venho de uma família muçulmana na qual as mulheres não usam véu desde há quatro gerações. O Islão da Índia e o dos fundamentalistas estão a anos-luz um do outro. Em nós prevalece a escola mística próxima do *soufismo* (²). O Islão indiano é por isso muito mais intelectual, mais tolerante, e portanto muito afastado do dogmatismo teológico da Arábia Saudita. É nesta tradição que eu cresci. Infelizmente, por todo o lado, o fundamentalismo ganha terreno e provoca por sua vez a explosão de outros fundamen-



talismos, hinduístas, sikh, etc.

L'Express — Sobre o futuro do Islão, você está...

SR — Pessimista. Creio que antes da situação melhorar será preciso atravessar o pior.

(¹) Wahabita — partidário do Wahabismo — movimento político-religioso de tendência puritana dos muçulmanos da

Arábia Saudita. Diz-se também de tendência puritana muçulmana fundada por Muhammad ibn 'Abd al-Wahhab (1703-1792) que tinha por taurar a religião islâmica na sua original e unir todos os árabes numo, de acordo com os preceitos do Islão. Este movimento foi esmagado pelos otomanos (1811-1819) e restaurado a partir de 1902 na região da Arábia Saudita.

(²) Soufismo — corrente mística do Islão, surgida no século VIII.

A reacção ocidental encoraja os fanáticos

ves Cuau

ANDA-SE às apalpa-delas, dizia um membro eminente do Governo de Jacques Chirac no princípio do mês de Novembro de 1986, na altura mais quente da vaga de tentados que ensanguentaram o Irão. Em Fevereiro de 1989 a situação mudou e é agora Roland Dumas que anda às apalpa-delas. Como muitos dos seus colegas ocidentais.

O ministro dos Negócios Estrangeiros apaga-se por vezes nos seus discursos perante o grande advogado de negócios que ele já foi. A verdade obriga, desta vez, a dizer que ele se ultrapassou na arte de dizer pouco para significar muito e as reacções subtis. No ano em que se festeja o aniversário do bicentenário da Revolução Francesa, o chefe da diplomacia francesa declarou-se «chocado» com a condenação à morte por Khomeini do autor dos *Versos Satânicos*.

«O sr. ministro disse 'chocado'?» Sim, disse ele, acrescentando que no contexto actual se deslocaria ao Irão, porque era do interesse da França ajudar este país a reinserir-se na concertação das nações.

O malvado e fanático *ayatollah* está rodeado de uma equipa de políticos infieis, quase laicos e republicanos que aguardam apenas, último suspiro do terrível velho para se tornarem nos actores de uma nova revolução persa. Muitos diplomatas são incapazes de discutir durante horas este tema aliciante. E é verdade que existem em Teerão numerosos grupos empenhados numa acerbica luta pelo Poder, entre os quais alguns são mais moderados do que outros.

Existe, todavia, uma enorme falha na demonstração. O fim da guerra do Golfo, muitas vezes anunciado como uma reviravolta em direcção ao realismo e à moderação, traduziu-se de facto num redobrar de ferocidade. No Irão não se fuzilava, torturava e chicoteava tanto como desde há algumas semanas. E o khomeinismo é perfeitamente possível sem Khomeini.

Até 1939, demasiados observadores em todo o mundo consideraram que não se devia exagerar o carácter satânico do chanceler Adolfo Hitler e que o rodeavam pessoas decentes como Ribbentrop ou Speer que tinham poderes sobre as malvadas SS. Sabemos o resto...

Roland Dumas tem apenas uma circunstância atenuante: a cobardia ou a prudência do Ocidente. Não se trata apenas do enorme receio do terrorismo. O medo tem razões mais nobres. O povo persa, a nação iraniana são realidades geopolíticas com as quais se tem de contar. A reconstrução deste país destruído por oito anos de guerra oferece excelentes oportunidades a todos os amantes de grandes contratos.

A França dos «direitos do homem» tem portanto a satisfação de ver que a sua prudência é largamente partilhada pela maior parte dos seus parceiros ocidentais. É um jogo de vigilância, de observação mútua. Aquele que usar a violência em primeiro lugar, perderá o contrato.

A diplomacia francesa pode

assim encolher-se perante a dificuldade de consenso com os seus parceiros, mas essa é uma fraca consolação. O essencial está bem claro: as chorosas lamentações, depois da condenação à morte de Salman Rushdie não são mais do que um incitamento, não aos iranianos moderados mas aos fanáticos «loucos de Deus» que representam uma terrível ameaça para o Ocidente e seus aliados.

Com efeito, é interessante constatar que a recuperação por Teerão da mobilização contra os *Versos Satânicos* foi tardia. Os muçulmanos fundamentalistas do subcontinente indiano agitaram-se desde o Outono,

altura da saída do livro. Rajiv Ghandi proibiu a obra em 5 de Outubro logo seguido pela Arábia Saudita, o Egipto e os países do África do Norte. O Islão sunita não brinca com as obras consideradas blasfemas para o profeta Maomé, e Salman Rushdie lembra que o último romance de Naguib Mahfouz, Prémio Nobel de Literatura em 1988, foi proibido no Egipto. Mas nunca nenhum «guia» havia pronunciado uma condenação à morte.

Khomeini lançou a sua *fatwa* apenas a 8 de Fevereiro. Porquê? Muito simplesmente porque pretendia, ao chefiar o movimento de protesto vindo do

Islão sunita, massivamente maioritário no mundo muçulmano, recuperá-lo. Para fins internos? É possível, em parte. Mas, sobretudo, para ultrapassar a derrota temporal da revolução iraniana e lançar uma verdadeira guerra santa tanto contra os maus muçulmanos como contra o Ocidente, onde os editores são os vectores da blasfémia. Deste modo se oferece ao Irão a possibilidade de recuperar o fôlego face a um Islão sunita muito silencioso perante a loucura sanguinária do velho *ayatollah*.

O Ocidente e os regimes moderados árabes praticam a política da aveztruz, esperando a

autocombustão da paranóia xiita. E no entanto, a Europa concheu o terrorismo; a Arábia Saudita, os tumultos em Meca. Sadate caiu sob as balas dos fanáticos e os fundamentalistas fizeramam distúrbios no Magrebe. É tempo, de ora avante, de erguer um verdadeiro cordão sanitário à volta da monarquia dos *mollahs*.

Seria suficiente decretar o embargo ao petróleo iraniano, romper verdadeiramente as relações diplomáticas com Teerão, em vez de se contentarem em chamar os seus embaixadores e anular os ímpetos dos caçadores de grandes contratos que enchem os aviões que chegam a Teerão. Decisão que respeita naturalmente aos Estados Unidos e à Europa mas também ao Japão, grande comprador de petróleo bruto e grande fornecedor de material pesado. O mundo inteiro sentir-se-ia aliviado, a começar pelos chefes de Estado sunitas que assistem angustiados a esta operação «recuperação do profeta» pelos assassinos de Teerão.

O Ocidente usou, demasiado tempo, de subterfúgios e desvios para negociar a recuperação de reféns ou a venda de fábricas. Ele não deve esquecer que o Islão é uma religião de combate, que despreza os fracos e os indecisos. Hoje, não chega proteger Salman Rushdie dos atiradores de elite. É tempo, é chegada a hora de aterrorizar os terroristas, como dizia antigamente Charles Pasqua numa bela tirada. E de responder a ameaças de morte com actos diferentes de gesticulação diplomática.

(Exclusivos DN-L'Express)



Hans-Dietrich Genscher e Roland Dumas na reunião dos ministros europeus dos Negócios Estrangeiros sobre o Irão: uma resposta muito escalonada

É possível resistir ao khomeinismo

André Pautard

NEM mesmo no Líbano, os iranianos conseguiram exportar o seu «modelo». Hoje, contentam-se com um objectivo: desestabilizar os outros regimes.

É um princípio aceite, desde 1789: qualquer revolução deve veicular as suas ideias pelo mundo até o corromper completamente. Princípio aceite mas defeituoso: a França deveria tropeçar na conversão da Europa às virtudes republicanas, como a Rússia, bem mais tarde, encontrou obstáculos na sua tentativa de propagação universal do marxismo-leninismo. Ou ainda o castrismo na América Latina, o maóismo um pouco por todo lado e mesmo na China...

Todavia, há exactamente dez anos, quando os *millahs* derrubaram o trono iraniano, ninguém duvidava que conseguiriam levar a todo o mundo os rigores da sua revolução. Primeiro, pela razão da dinâmica espectacular do seu movimento sublevando (com verdadeira espontaneidade?) todo um povo. E, em seguida, pela aparente fertilidade do terreno que se lhes oferecia. Durante dezenas de anos, os Estados árabes muçulmanos oscilaram entre duas vias. A da doutrina socialista e a do liberalismo ocidental. Dois modelos que se revelaram, definitivamente, incapazes de assegurar o desenvolvimento das populações aos crescentes efectivos.

Que fazer, então? «Procurar

as nossas próprias raízes obedecendo a Deus, que quis para nós uma sociedade perfeita e justa onde todos os fiéis encontrarão por fim a felicidade sob o poder único do Todo-Poderoso, exercido em Seu nome pelos seus representantes na Terra!» Assim pregavam, desde há muito tempo, os xeques fundamentalistas das mesquitas do Cairo ou de Tunes... E atrás do inflexível Khomeini, o Irão em armas retomava por sua conta a antífona, rejeitando agressivamente como ímpio e inútil todo o aparelho legal copiado do Ocidente para o substituir pela estrita observância da Sharia (1) (lei islâmica).

Dez anos mais tarde, Cassandra ou Profetas vêm desaparecer receios e previsões: o enxerto não pegou. Porquê?

Primeiro, pela boa razão que ele vem de um braço marginal do Islão, o xiismo (2), mais fortemente implantado entre os Persas que entre os Árabes, que reúne menos de dez por cento de uns 900 milhões de muçulmanos em todo o mundo, maioritariamente sunitas. Duas... igrejas, dir-se-ia animadas pela mesma fé, mas que desde há séculos, disputam a legitimidade. Remoendo o seu rancor de terem sido frustrados na sucessão de Maomé, os xiitas detestam fundamentalmente os sunitas, os quais os cumularam de desprezo. Antes de os recearem.

Desconfiança recíproca (no mínimo...) que constatará a única verdadeira tentativa iraniana de implantar uma «sucursal» no Líbano. Como se Khomeini ao submeter-se aos preceitos e Clausewitz (3), tivesse decidido

reforçar-se onde se sentia o mais forte. Num país desarticulado pela guerra e onde fervilhava uma comunidade xiita insatisfeita e numericamente muito importante.

De facto em 1986, a proclamação no Líbano de uma república islâmica na zona enfeudada ao Irão parecia certa. O Hezbollah (Partido de Deus) anunciava-o sem fingimento. Mas o inbróglgio libanês em vez de a favorecer, iria paradoxalmente impedi-la. Porque a Síria, hostil a qualquer poder religioso, embora tenha sido aliada do Irão, com isso não concordava. E o Hezbollah contentou-se, especialmente no caso dos reféns, em servir localmente os secretos interesses de Teerão. Talvez até encontre vantagens em deixar amontoar-se os escombros de um país sem estado.

Do Egipto a Marrocos

Assim acabou a «aventura colonial» de Khomeini. A perda da sua influência será menos espectacular, mas mesmo assim nítida. No mundo árabe sunita a exaltação do reinado dos *mollahs* terá efectivamente acordado o sonho permanente de um islão rigoroso. Particularmente nos países em crise: o Egipto proscrito pelos seus pares devido ao tratado com Israel; a Tunísia recusando adoptar as ideias nacionalistas de um Bourguiba, cuja agonia, física, mental e política se arrastava de capricho em viva cólera; o Sudão dilacerado pela fome e pela guerra civil; a Argélia, descobrindo os frutos amargos do socialismo científico e namorando a contestação.

Somente Marrocos se manteve afastado, tendo o rei Hassan II, com uma habilidade premonitória surpreendente num homem apaixonado pelo modernismo, sabido realçar ainda mais o seu título de «comandante dos crentes», que coloca a monarquia sob a protecção do gasto favor das massas rurais.

No Outono de 1987, a Tunísia parecia pronta a cair, ou sob o poder dos xeques ou pelo menos num caos donde eles tirariam proveito. Proibido, duramente reprimido devido às suas actividades terroristas, o Movimento de Tendência Islâmica (MTI) estava em 7 de Novembro de 1987 em vésperas de desencadear um golpe de Estado. Mas Zine el Abidine Ben Ali surgiu para se apoderar da situação acalmar, logo de seguida, o rancor islamita em atitudes conciliatórias e apoiadas. Esperto, o general faz-se filmar apertando contra o peito, de lágrima no olho, a pedra negra de Meca, onde ele cumprira a «pequena peregrinação». A sua equipa, astuciosamente, introduz na rádio e na televisão os apelos à oração! «Trata-se diz-se em Tunes, de «puxar o tapete» sob os pés do adversário...» De repente o MTI entra na ordem como amanhã poderá vir a entrar no novo Parlamento. Sensato e aparentemente satisfeito com as concessões obtidas. É uma aposta sem riscos: terá apenas um lugar secundário na vida política, tanto ele pôde auscultar a resistência da sociedade ao seu voto de abolir o estatuto da mulher.

E à sua volta? Rápida análise da Frente: o Egipto, onde todavia nasceu o movimento da Ir-

mandade Muçulmana, vê diminuir esta influência enquanto o seu punhado de deputados se conduz, em resumo, com juízo. A estrondosa falência de quatro bancos islâmicos, engolindo as pequenas economias dos fiés demasiado ingénuos. No Sudão, a emergência fundamentalista não muda em nada os dados iniciais: guerra civil e fome. A Argélia «disfarça» as suas estruturas políticas concedendo alguns «espaços de liberdade» às reivindicações, o que pode vir a privar os teólogos politizados do «terreno» indispensável...

E depois, ao mesmo tempo, este islão arrebatado, desradicaliza-se um pouco. Seria excessivo afirmar que ele se reveste de total tolerância em relação aos muçulmanos demasiado mornos na sua fé. Pelo menos, muda de estratégia, escolhendo agora a sedução em troca da antiga imposição. Se a finalidade se mantém, o método esse mudou.

Teerão resigna-se parecendo procurar um outro alvo para os seus cometimentos, apesar do seu descrédito devido à sua recente derrota frente ao Iraque. Num enfurecido sobressalto, ele visa hoje desestabilizar outros regimes. No Paquistão, onde em 1927 se fundou o primeiro movimento fundamentalista e onde o acesso de uma mulher, Benazir Bhutto, à chefia do Governo ainda choca os espíritos tradicionais. No Afeganistão, onde a derrota do Exército Vermelho conduziu à luta dos clãs religiosos (e à confusão dos belos espíritos ocidentais, que, como lembra o pró-orien-

tal Bruno Etienne, tinham considerado prematuramente os mujaedines como «gloriosos combatentes da liberdade»!). Por toda a parte, enfim, tal como o caso Rushdie o sublinha tristemente, onde a condenação de um pretense balfemo literário serve de pretexto para engendrar desordem e violência.

Finalmente, como teria sido resistível, a revolução iraniana, no seu desejo de ver imitado o seu exemplo! Porque, imobilizado no seu sonho, o velho *ayatollah* parece ter negligenciado o facto de que ela iria chocar-se com este fenómeno moderno a que o islão não escapa e que se chama nacionalismo. Ele conduziria à perda de uma outra revolução ambiciosa, decidida também ela a governar o mundo árabe. Aquela que não há muito tempo foi pretendida por Nasser. É que, inscrevendo-se no rol do princípio defeituoso do inelutável contágio revolucionário, terá visto os seus desígnios despedaçados.

(1) Sharia — lei canónica muçulmana que rege a vida religiosa, política, social e individual. Embora esteja em vigor, numerosos Estados árabes instituíram nos domínios público e penal leis inspiradas nos códigos europeus.

(2) Xiismo — doutrina dos muçulmanos que consideram que a sucessão de Abu Bakr ao califado foi ilegal e que este deveria ter sido entregue aos descendentes de Ali. As diferentes seitas xiitas diferenciam-se entre si pelas interpretações mais ou menos alegóricas do Corão. O xiismo que reconhece a existência de doze imãs é a religião nacional do Irão desde o séc. XVI.

(3) Clausewitz — general e teórico militar prussiano. É autor de um tratado sobre a guerra que teve grande influência sobre a doutrina do estado-maior alemão e sobre a concepção marxista da guerra.

Bruno Etienne:

Europa não deve recear fundamentalismo islâmico

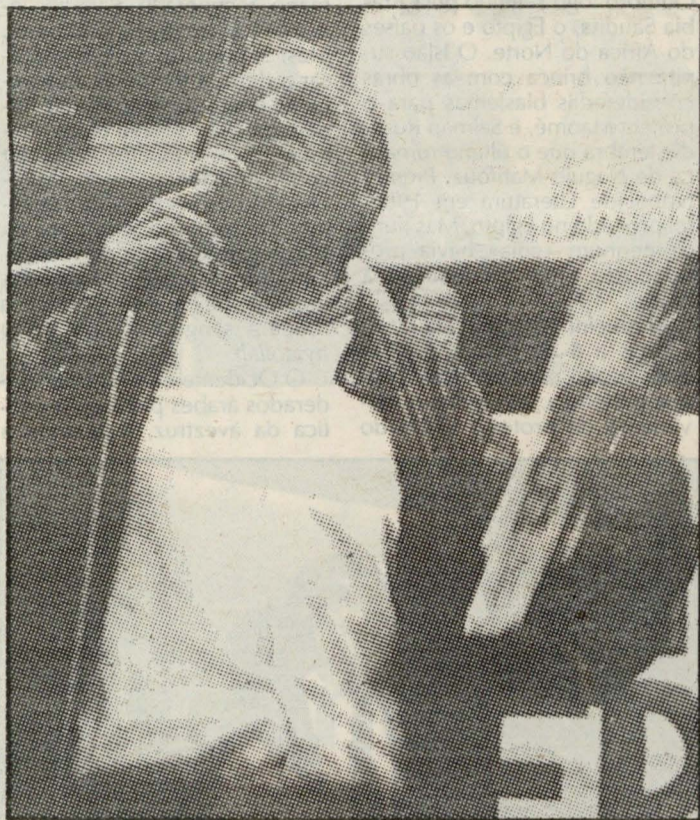
André Pautard

ESPECIALISTA de estudos islâmicos, o Prof. Bruno Etienne da Universidade de Aix-en-Provence, modera as suas anteriores profecias perante o crescimento inexorável do Islão radical. Ele opõe-lhes actualmente a tentação da laicidade, registada em numerosos países onde vivem 900 milhões de muçulmanos. Será um fenómeno novo?

Bruno Etienne — No fundo, ele sempre existiu, apesar do desvio que remonta aos princípios do Islão, quando a dinastia dos Omeyyades, conquistando o poder temporal, decidiu exercer também o poder religioso. Desde aí, obstinamo-nos a confundir injustamente este acidente histórico com a essência da religião.

L'Espresso — Será que a religião se tornou inflexível devido à recusa da interpretação dos textos sagrados?

BE — Não. Qualquer muçulmano religioso e conhecedor o pode fazer. Quanto ao problema dos versos ditos «satânicos» do Corão ele já se punha no tempo de Maomé. No final da sua vida, ele dizia que esta parte do Capítulo 53 lhe teria sido provavelmente inspirado por Satanás. Assim, ele modificou o texto, a propósito do qual se desenvolveram inúmeros debates. Vindo a ser a causa de autos-de-fé de livros, de enforcamentos... Enfim todo o regime



O prof. Bruno Etienne, da Universidade de Aix-en-Provence, especialista de estudos islâmicos

que se refere à legitimidade religiosa é sempre contornado à sua direita por grupos ainda mais tradicionalistas que ele,

conforme eu descrevo no «Islão Radical».

L'Ex. — Ao mesmo tempo Você anuncia a «exportação»

pelos chiitas iranianos da sua revolução islâmica...

BE — A obra recente do meu amigo François Burgat (!) demonstra que me enganei ao acreditar que a vaga radical iria prevalecer. Mas a semente do islamismo foi lançada e devemos contar com o regresso do religioso sob aparência política ao sul do Mediterrâneo.

L'Ex. — Será de recear?

BE — Certos regimes árabes têm razão em ter medo.

L'Ex. — E a Europa?

BE — De modo nenhum. Entre os muçulmanos vivendo na Comunidade, professores e investigadores começam a pôr condições para a separação da esfera do privado e da esfera do público. Aquando do recente colóquio do Círculo França-Países Árabes, o Cheikh Abbas, reitor da mesquita de Paris, admitiu-o: os fiéis, diz ele, podem encontrar o seu desenvolvimento nas sociedades europeias em

que vivem. Se soubermos pensar o conceito de laicidade repondo ao apelo da religião actual, será uma sorte para todos. Porque em relação à França com a Argélia, Marrocos e Tunísia, farão com que nesses países, as ligas dos Direitos do Homem e as diversas associações venham a exigir aos respectivos Estados à aplicação deste modelo.

(!) *L'Islamisme au Maghreb* — Karthala, 1988.



Voluntários para as frentes, durante a guerra do Golfo. O fim das hostilidades veio reacender as lutas internas.

Os «mollahs» iranianos e os «Versos Satânicos»

(Continuado da pág. anterior)

pretende opor-se por todos os meios possíveis, aos desígnios de Rafsanjani. Deste modo, o editorialista do *Keyhan*, o vespertino controlado por Ahmad Khomeini, clama contra a assinatura dos acordos Peugeot-Iran Khodro, para a montagem dos Peugeot 405 no Irão. «Para quem: são estes automóveis senão para os ricos?», escreve ele. «Porque não se investe em fábricas de construção de bombas de água tão necessárias à nossa arruinada agricultura?» A questão está no cerne deste grande debate: deve ou não apelar-se aos capitais e créditos ocidentais, à tecnologia estrangeira ou, pelo contrário, relançar a economia apoiando-se nos potenciais próprios do país? Um indicio de resposta chega, no início de Janeiro passado, quando o imã Khomeini pede aos trabalhadores do petróleo que reponham em funcionamento a indústria graças «à sua iniciativa e com a ajuda de Deus».

«Guia de fachada»

Na verdade, o delírio anti-Rushdie serve apenas de pretexto aos radicais para impedir aos apoiantes da «abertura ao Ocidente» o seu desenvolvimento. Em nome da defesa do dogma religioso. Uma máquina de guerra que compromete todos os esforços de normalização com a Europa, em especial. Será este o fim determinado? Adivinha-se que através desta «encenação» por parte de Ahmad Khomeini e seus seguidores visa-se um homem: Ali Akbar Hachemi Rafsanjani. Tem

demasiado poder nas suas mãos. Demasiada ambição também. Para o jornal londrino *Times* a operação consiste em anular «qualquer esperança de alteração da constituição iraniana que poderia vir a dar maiores poderes ao futuro presidente». Ora, se a revisão se efectivasse, Rafsanjani, o homem forte do regime, teria fortes possibilidades de ser eleito. Em 13 de Fevereiro, no decorrer de uma conferência de Imprensa, ele confirmou pela primeira vez a sua intenção de se apresentar às próximas presidenciais. «Parece», diz ele com os olhos brilhantes de malícia, «que deverei candidatar-me.» Mensagem tão bem compreendida, quanto o *ayatollah* Hossein Ali Montazeri, o sucessor designado do imã, estaria confinado a um papel de «Guia de fachada».

Esta evolução parece perigosa para aqueles que acusam os «pragmáticos» de quererem fazer do segundo decénio da revolução um período Ali Akbar «Khani». Que injúria! Reduzindo o nome de Rafsanjani e ligando-o ao apelido de Reza Khan, o fundador da dinastia Pahlavi, os radicais acusam os seus adversários de quererem restabelecer o regime do xá, disfarçado com o turbante dos *mollahs*.

Em 14 de Fevereiro, o imã lança a sua *fatwa*. E aproveitando a confusão coloca-se do lado do grupo que parece estar em desvantagem. Sem no entanto lançar o debate interno. E no entanto as urgências fazem-se esperar. O balanço destes dez últimos anos é desastroso.

Falência económica e social, infra-estrutura petrolífera devastada pela guerra, penúrias alimentares, empobrecimento geral devido à inflação e ao desemprego. Os únicos números positivos deste decénio referem-se ao crescimento demográfico, que segundo estimativas passaram de 37 a 50 milhões de habitantes.

Os *slogans* revolucionários, os *graffiti* vingadores de 1979 pretendiam libertar o Irão da dependência: no entanto, ela agravou-se em todos os domínios. Mas há pior do que o revés: o terror. Como se já não fosse suficiente o milhão de mortos caídos na fronteira iraquiana, eis que se abate de novo a repressão sobre os «opponentes do regime». Segundo a Amnistia Internacional mais de um milhão de prisioneiros políticos teria sido executado desde o Verão passado. Ainda mais se acreditarmos na diáspora iraniana. Recentemente, durante a noite, foram abertas fossas perto da prisão de Evrin, em Teerão. Os Pasdaran (Guardas da Revolução) desmobilizados após o fim da guerra, ousaram denunciar «as perversidades do regime, os *mollahs* que enriqueceram» enquanto eles «davam a sua vida pela Pátria». Foram fuzilados. O método duro é igualmente utilizado contra os traficantes de droga. Muito recentemente uma centena deles foi enforcada.

Há algumas semanas, um dignitário religioso reclamou a morte para o produtor e o realizador de um programa de televisão *Casa e Família*. O seu cri-

me foi terem apresentado uma entrevista com uma jovem iraniana que tivera a audácia de escolher como modelo de vestido feminino a heroína de um folhetim televisivo japonês, em vez de escolher Fátima, a filha do Profeta. Isto, mesmo no dia do aniversário de Fátima. O tribunal Islâmico reduziu a pena a 5 e 5 anos de prisão para os culpados. Quarenta e oito horas mais tarde, devido à intervenção do clã dos «moderados» as sanções foram levantadas. Têmhamos em conta que o director-geral da televisão iraniana, o irmão mais novo de Rafsanjani. Hoje, uma intervenção deste tipo teria pouca importância.

Quarta-feira, 22 de Fevereiro, o *ayatollah* Khomeini lançou aos liberais uma advertência: «Comigo vivo nunca o Poder cairá nas suas mãos.» O seu credo: o regresso à ortodoxia da Revolução. «Há dez anos, confiamos lugares a pessoas que não partilhavam totalmente a nossa ideologia. Hoje vemos o triste resultado.» É a política de reagrupamento de forças na antevisão de um combate. Teerão chama os seus embaixadores colocados nos doze países da Comunidade, na altura em que o imã, nas ondas da rádio nacional, martela: «A opressão do Ocidente e as manobras da Europa não farão ceder o Irão.»

Quase em simultâneo, o Presidente Ali Khamenei, na altura em visita oficial a Belgrado, pôs fim a qualquer esperança de clemência em favor de Salman Rushdie: «A longa flecha negra foi disparada e segue em direcção ao seu alvo.»

OBRAS DE ROMEU CORREIA

O TRITÃO

Um livro invulgar. Pelo método, pela categoria de literalidade, pela poderosa capacidade metafórica — pelo evidente gosto e prazer da escrita (...).



BONECOS DE LUZ

Uma obra concebida nos moldes do romance picaresco tão ao gosto da tradição novelística peninsular. Uma dezena de figuras dão conflito e cor a esta história.



PORTUGUESES NA V OLIMPÍADA

Obra de grande importância documental sobre a nossa participação nos Jogos Olímpicos de 1912, tragicamente assinalada pela morte de Francisco Lázaro.



EDITORIAL NOTÍCIAS